

“MURIÇOCA” OU “MARUIM”? DESIGNAÇÕES PARA “PERNILONGO” NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

Cemary Correia de Souza (UFBA)
Jane Keli Almeida da Silva (UFBA)

RESUMO: O presente estudo buscou investigar como os contatos linguísticos e culturais com outros povos, sobretudo os indígenas, contribuíram para a formação do léxico do Português Brasileiro. Para tal, o corpus foi constituído a partir dos resultados da aplicação do *Questionário Semântico-Lexical (QSL-ALiB)*, relacionada à área temática da *Fauna*, decorrentes das respostas à questão de número 88, respectivamente: “... *aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite?*”. Concentrou-se a pesquisa a três localidades do interior do estado de Alagoas – União dos Palmares, Santana do Ipanema e Arapiraca – e em igual número localidades do interior do Acre – Soure, Marabá e Itaituba –. Das 07 variantes registradas, 04 são oriundas do tupi (*carapanã, maruim, muriçoca e muruanha*) com maior produtividade no Norte, confirmando a vitalidade do substrato tupi no léxico dos informantes. As outras 03 variantes (*pernilongo/pernalonga e mosquito*), de base portuguesa, concentram-se, sobretudo, na região nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia variacional. Projeto ALiB. Projeto DDB.

RESUMEN: El presente estudio buscó investigar cómo los contactos lingüísticos y culturales con otros pueblos, sobre todo los indígenas, contribuyeron a la formación del léxico del portugués brasileño. Para eso, el corpus fue constituido a partir de los resultados de la aplicación del Cuestionario Semántico-Lexical (QSL-ALiB), relacionada al área temática de la Fauna, derivadas de las respuestas a la pregunta de número 88, respectivamente: “... *aquel insecto pequeño, de pernititas largas, que canta en el oído de las personas de noche?*”. Se concentró la investigación a tres localidades del interior del estado de Alagoas - Unión de los Palmares, Santana del Ipanema y Arapiraca - y en igual número localidades del interior del Acre - Soure, Marabá e Itaituba -. De las 07 variantes registradas, 04 son oriundas del tupí (*carapanã, maruim, muriçoca y muruanha*) con mayor productividad en el Norte, confirmando la vitalidad del sustrato tupi en el léxico de los informantes. Las otras 03 variantes (*pernilongo / pernalonga y mosquito*), de base portuguesa, se concentran sobre todo en la región noreste.

PALABRAS-CLAVE: Lexicografía variacional. Proyecto ALIB. Proyecto DDB.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao observar a realidade do português brasileiro (PB), percebe-se, claramente, que a língua é heterogênea, ou seja, o PB comporta diversas variantes na sua gênese. Ao contrário do que possam decretar certos falantes ou gramáticos, essa realidade circundante não denota caos, deturpação ou morte da língua, ao contrário, ao longo do desenvolvimento dos estudos linguísticos, pode-se atestar que a variação linguística é inerente a qualquer língua humana e pode ser observada sincronicamente, através da diversidade dialetal, ou diacronicamente, por processos de mudança linguística. Como afirma Mattos e Silva, “o português brasileiro fez *Linguagens & Cidadania, v. 19, jan./dez., 2017.*

suas variantes se distinguirem nos níveis linguísticos, sutil a diversidade, que não impede a intercomunicação em português brasileiro em todo território nacional, exceto, certamente entre os povos indígenas [...]” (2006, p. 222).

Ao longo de seu tempo histórico, as línguas mudam em todos os níveis. Entretanto, deve-se entender a história de uma língua como uma sucessão de tempos que se cruzam, que dialogam entre si, como bem disse Foucault, “não é uma duração: é uma multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns nos outros” (apud MATTOS E SILVA, 2008, p. 41).

Nos últimos anos, percebe-se que as pesquisas acerca da variação linguística, especialmente no âmbito lexical, têm ganhado maior destaque nos espaços sociais nacionais, seja no midiático, como a série *Sotaques do Brasil* exibida pelo *Jornal Hoje*, em 2014, seja no acadêmico científico com a realização de eventos, elaboração de projetos de pesquisa, teses, dissertações, artigos, entre outros. Conforme Machado Filho (2010):

Depois de longo tempo do que se poderia chamar de obscuridade científica, passou, nos últimos anos, essa entidade teórica ou, como preferem alguns chamar, nível de análise, a ser considerada pela linguística contemporânea – ao menos para alguns pesquisadores –, como “elemento central da língua” (VILELA, 1979, p. 17), tirando da sintaxe a hegemonia dos estudos linguísticos (MACHADO FILHO, 2010, p. 49).

Na esfera das produtivas pesquisas dialetais, ao observamos os trabalhos já publicados ou em andamento, torna-se imprescindível à referência a um dos maiores projetos de cunho dialetal e sociolinguístico vigentes no Brasil, o *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. A ideia inaugural de elaborar um atlas linguístico do Brasil no que se refere à língua portuguesa se apresenta no decreto 30.643, de 20 de março de 1952, conforme exposto no § 3^o:

3^o- A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa –fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (apud PAIM, 2012, p. 33).

Contudo, por diversos fatores de ordem sócio-histórica, a ideia de um atlas nacional foi postergada, levando-se a pensar na produção de atlas regionais. Dentre eles, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), pesquisa desenvolvida na Universidade Federal da Bahia por

Rossi e equipe, publicado em 1963, recebe o título de primeiro atlas regional do país. Acerca da literatura já produzida, Razky e Sanches (2015) destacam que:

Os principais trabalhos e estudos de natureza dialetal no Brasil são descritos por Ferreira e Cardoso (1994), em três grandes fases. A primeira vai de 1826 até 1920, data de publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Os trabalhos de Amaral são caracterizados como estudos voltados para o léxico, do qual, resultaram numerosos dicionários. A segunda inicia-se a partir da publicação de *O dialeto caipira* (1920). O conhecimento empírico da realidade linguística e a ausência de trabalho de campo sistemático, que marcaram a primeira fase, permanecem nesta segunda, porém, agora se tem uma maior preocupação com a metodologia utilizada nos estudos dialetológicos. Destacam-se aqui dois trabalhos, o referenciado na primeira fase, *O dialeto caipira* e *O linguajar carioca* em 1922 de Antenor Nascentes. O marco da terceira fase data do ano de 1952 com o decreto 30.643 de 20 de março de 1952 que previa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (RAZKY; SANCHES, 2015, p. 02).

Para os pesquisadores mencionados acima, o

ALiB é um dos projetos macros de dialetologia e sociolinguística que nasce em meio as discussões anteriores e das pesquisas já realizadas [...]. O momento mais importante e que deu impulso para a construção do ALiB foi o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil* realizado na Universidade Federal da Bahia em 1996. Conforme Cardoso (2009), esse espaço foi favorável à construção do projeto, pois reuniu pesquisadores no campo da dialetologia e da sociolinguística, contando com a presença dos autores de atlas linguísticos já publicados, até àquela época (RAZKY; SANCHES, 2015, p. 02).

O *Projeto ALiB* tem por objetivo “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da geolinguística” (CARDOSO, 2010, p. 169). Para tal empreitada, o projeto mapeou 250 localidades do Oiapoque ao Chuí, englobando as capitais e cidades do interior, com vistas a divulgar a riqueza da diversidade linguística no país.

2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* da pesquisa foi obtido através da aplicação do *Questionário Semântico-Lexical (QSL)*, um dos instrumentos metodológicos do ALiB, referente à área temática da *Fauna*, especificamente a questão de número 88: “... *aquele inseto pequeno, de perninhas*

compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite?” em 6 localidades interioranas da Região Norte e Nordeste do Brasil, a saber: Soure (ponto 09), Marabá (ponto 15), Itaituba (ponto 18), União dos Palmares (ponto 074), Santana do Ipanema (ponto 075) e Arapiraca (ponto 076).

Em cada capital investigada pelo ALiB, conforme a metodologia do projeto, são pesquisados 4 informantes – 2 homens e 2 mulheres, enquadrados em duas faixas etárias – de 18 a 30 anos (jovens), e de 50 a 65 anos (idosos) – e alfabetizados, tendo cursado até a 4^o série do Ensino Fundamental.

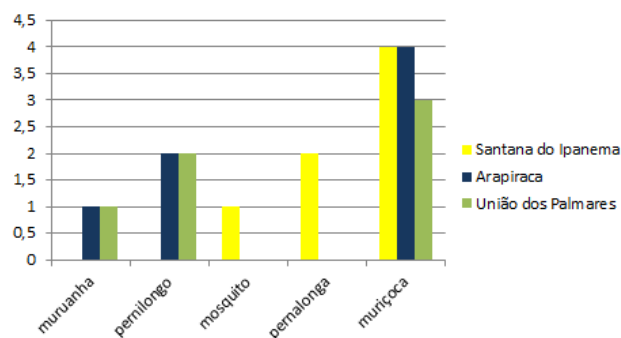
Após a escuta dos áudios e consulta às transcrições, disponibilizados pelo Projeto ALiB, ocorreu o levantamento exaustivo das lexias obtidas como respostas a questão trabalhada no QSL e verificou-se se e de que forma as variantes encontradas são, atualmente, dicionarizadas. Para tal objetivo, foram consultados os dicionários tipo 4 – dicionários direcionados ao ensino médio escolar, mas que se aproximam dos que se dirigem ao público geral – aprovados pelo *PNLD Dicionários 2012: Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, (AULETE, 2011) e *Dicionário Houaiss* (HOUAISS, 2001).

Em seguida, a partir do estudo do étimo de cada lexia, buscou-se perscrutar a história de cada unidade lexical e como o contato do colonizador com outros povos e suas culturas contribuiu para a formação do rico e plural acervo lexical do português brasileiro.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No universo selecionado, foram encontradas 6 variantes como respostas para a pergunta 88 do QSL-ALiB: “... *aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite?”*: *carapanã; maruim; muriçoca; muruanha; mosquito e pernilongo/pernalonga*. Os Gráficos I e II apresentam a distribuição dessas lexias em cada localidade pesquisada.

Gráfico I – Distribuição das designações encontradas no interior de Alagoas.

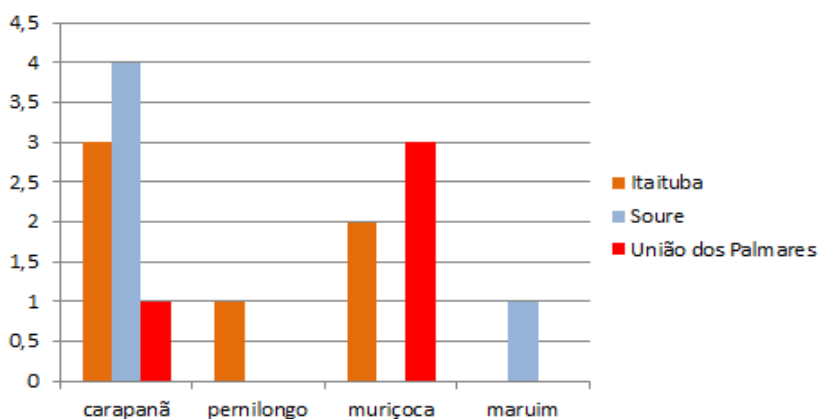


Fonte: Elaboração própria.

Nota-se a partir do Gráfico I que a designação mais produtiva foi *muriçoca*, ocorrendo em todas as localidades pesquisadas. Enquanto as variantes *muruanha* e *mosquito* tiveram apenas uma ocorrência. Assim, observa-se que a forma lexical *muriçoca* está se fixando como variante padrão para nomear o “inseto pequeno de pernas cumpridas, que canta no ouvido das pessoas à noite”, uma vez que foi registrada na fala dos habitantes de todas as localidades estudadas.

Na sequência, o Gráfico II apresenta as respostas encontradas nas três localidades do interior do estado do Acre.

Gráfico II – Distribuição das designações encontradas no interior do Acre.



Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que a unidade lexical com maior ocorrência foi *carapanã*, sendo obtida como resposta oito vezes. Já as lexias menos produtivas foram *pernilongo* e *maruim*, ocorrendo apenas uma realização nas cidades de Itaituba e Soure, respectivamente.

Ao confrontar os dados dos gráficos, observa-se que a variante *muruanha* só ocorre nas cidades do Nordeste. Tal lexia, apesar do deslocamento de muito nordestinos, dentre eles os cearenses, em direção à região Norte, sobretudo no Ciclo da Borracha, não se expandiu para outras regiões. Sobre o deslocamento dos imigrantes nordestinos para a região:

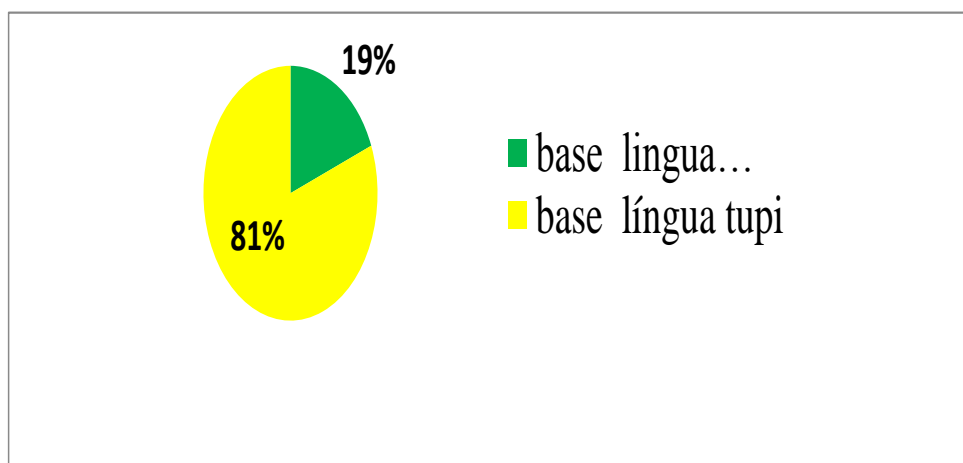
[...] A entrada dos elementos nordestinos permitiu desenvolver-se a exploração dos seringais. Os contatos étnicos e culturais então verificados possibilitaram a formação da vida social, com base na economia extrativa. [...]

A participação do elemento nordestino representou a presença de nova contribuição humana à vida regional. E essa contribuição não se traduz apenas do ponto de vista étnico, em que, aliás, foi pequena; traduz-se igualmente do ponto de vista cultural [...].

Primeiro, os maranhenses, localizando-se no Alto do Amazonas, preferentemente no Solimões e no Purus; depois, os cearenses, também paraibanos, norte rio-grandenses, alagoanos, pernambucanos. A partir de 1870 os nordestinos espalharam-se pela área amazônica, metendo-se na empresa florestal. Com a seca de 1877 acentuou-se a entrada de elementos nordestinos na região, pouco a pouco tornaram-se eles os principais elementos humanos na exploração da borracha. (DIÊGUES JR., 1960, p. 206-207).

No que concerne ao estudo da etimologia, os designativos analisados são provenientes de duas bases linguísticas – portuguesa e tupi –, porém observa-se que os elementos de base tupi têm maior produtividade, como ilustra o Gráfico III, a seguir:

Gráfico III – Distribuição das variantes de acordo com a base linguística.



Fonte: Elaboração própria.

À época do Descobrimento do Brasil, é sabido que havia cerca de mil e duzentas línguas indígenas na então colônia portuguesa. Porém, dentre essas etnias, o que mais ativamente participou do processo de colonização e de expansão do território nacional foram os índios tupi. Diversos foram os fatores que contribuíram para esse maior destaque no cenário nacional, dentre eles: o fato de os autóctones terem habitado a costa brasileira, o local de acesso dos portugueses à Colônia, tornando-se a língua “mais importante, a mais falada e funcionava mesmo como espécie de ‘língua segunda’ de certos grupos aborígenes não-tupis” (MELO, 1981, p. 41). Ademais, a língua tupi era também utilizada pelos jesuítas no trabalho de catequização/ conversação dos gentios, difundindo-se ainda mais ao longo do território nacional.

A variante *muriçoca*, segundo Cunha (1982), advém do étimo tupi *muri’soka*, sendo definida por esse estudioso como “variedade de mosquito”. O Houaiss (2001), por sua vez, explicita que a variante é advinda do espanhol *mosquito*, “diminutivo de *mosca*”, definindo-a como “designação comum aos insetos dípteros, de pequeno tamanho, especialmente os hematófagos da família dos culicídeos, gerando vetores de conhecidas doenças do homem”. Já o Unesp apresenta a seguinte informação: “pequeno mosquito noturno, pernilongo”.

Outra unidade léxica bastante recorrente foi *carapanã* que advém do étimo *karapa’na* e nomeia a “espécie de mosquitos da família dos culinicídeos [...] designação genérica de mosquito”, apresentando ainda outra variante no Houaiss (2001): *carapanã-pinima*. No Aulete, tal variante apresenta duas acepções: “o mesmo que mosquito”; e” pessoa pertencente aos carapanãs, povo indígena da família linguística tucano, que habita regiões do alto rio Negro”.

A variante *maruim*, no Houaiss (2001), é registrada como “designação comum a diversos mosquitos da família dos ceratopogonídeos, de até 2 mm de comprimento, cuja ocorrência no Brasil está associada aos manguezais; as fêmeas são hematófagas e transmissoras da filariose ao homem e aos animais domésticos por meio de picadas dolorosas”.

A última unidade lexical de base tupi encontrada foi *muruanha* que, de acordo com o Houaiss (2001), provém do étimo tupi *mberu’ãya* e está definida como ‘mosca-de-estábulo’. Tal definição fornece a ideia de o uso da lexia ocorre em um contexto mais restrito, ou seja,

não é utilizada para designar qualquer tipo de mosquito, mas aquele mais próximo a ideia de uma mosca.

Como já é sabido, à época do Descobrimento do Brasil, havia cerca de mil e duzentas línguas indígenas. Porém, dentre esses povos, o que mais ativamente participou do processo de colonização e de expansão do território nacional foram os índios tupi. Conforme aponta Isquierdo e Costa:

Vários são os fatores a que se pode atribuir essa hegemonia, dentre outros, o fato de os autóctones terem habitado a costa brasileira, o local de acesso dos portugueses à Colônia, e também de os povos tupis exercerem certa supremacia sobre as demais etnias, sendo a sua língua “a mais importante, a mais falada e funcionava mesmo como espécie de ‘língua segunda’ de certos grupos aborígenes não-tupis” (MELO, 1981, p. 41).

Diante do mapeamento das variantes lexicais, é importante verificar se e como tais lexias estão registradas em dicionários de língua portuguesa de intensa circulação no país, conforme o Quadro 1.

Quadro I– Dicionarização das variantes que nomeiam o conceito da questão 88 do QSL- ALiB.

	UNESP (2011)	AULETE (2011)	HOUAISS (2001)
carapanã	✓	✓	✓
maruim	✗	✗	✓
mosquito	✓	✓	✓
muriçoca	✓	✓	✓
muruanha	✗	✗	✓
pernalonga	✗	✗	✓
pernilongo	✓	✓	✓

Fonte: Elaboração própria.

Deste modo, observou-se que algumas lexias como *maruim*; *muruanha* e *pernalonga* ainda não foram registradas nos Dicionários *UNESP* e *Aulete*, mesmo sendo duas obras de

grande circulação nos espaços escolares e domicílios dos brasileiros. Por outro lado, todas as unidades lexicais encontram-se dicionarizadas no *Houaiss*, porém cabe ressaltar que esse é um dicionário mais especializado, ou seja, que circula com maior frequência na Academia, restringindo o seu uso, por vezes, aos sujeitos que circulam nesses espaços. Dessa forma, pode-se afirmar que, infelizmente, os trabalhos lexicográficos no Brasil pouco têm caminhado no sentido de privilegiar a variação linguística. Corroborando com tal assertiva, Machado Filho (2010) aponta que:

O que se pode hoje observar em relação ao registro da variação nos dicionários contemporâneos, publicados no Brasil, se refere meramente a marcas de uso, que normalmente refletem uma certa carga de preconceito em face do padrão ortográfico que neutraliza quaisquer outras atualizações linguísticas que se possam insinuar na nomenclatura.

Aliás, têm os dicionários de língua, preferencialmente – porém não exclusivamente –, utilizado textos escritos, na composição dos *corpora*, e como condicionador maior, obviamente, a norma-padrão, excluindo do processo de lematização os elementos que consideram os lexicógrafos como erros ortográficos, posição que não se pode considerar inapropriada na estrita perspectiva metodológica, embora seja em algum grau politicamente incorreta, que se diga, já que veladamente despreza outros usos linguísticos (MACHADO FILHO, 2010, p. 50).

Diante do exposto, observa-se que os dicionários, apesar das inúmeras tentativas de registrar a língua, ainda apresentam limitações. Nesse sentido, há a urgência de desenvolver trabalhos como o *Projeto Dicionário Dialectal Brasileiro* (DDB), criado por meio de um acordo de cooperação entre a *Université Paris XIII* e a Universidade Federal da Bahia, que conjuguem de forma abrangente língua e cultura, no sentido de permitir o conhecimento mais abrangente possível da relação dialetal que se estabelece, através do léxico, nas comunidades que o utilizam (MACHADO FILHO, 2010, p. 70). Afinal, cabe ao lexicógrafo, dentre tantas tarefas, ser o porta-voz de dada comunidade linguística.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao usar o léxico, o falante permite expressar suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence. É no léxico, portanto, que se tem o retrato de seu tempo, atuando, inclusive como agente modificador e imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara, como aponta Câmara Jr. (1985). Ou seja, o seu estudo fornece fundamentos

para um melhor entendimento de realidades, crenças, tradições e costumes de uma determinada sociedade, uma vez que “o estudo cuidadoso de um dado léxico conduz a inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam” (SAPIR, 1969, p. 49).

Pode-se concluir, a partir da análise das unidades lexicais patentes no *corpus*, que o substrato tupi deixou contribuições significativas no acervo lexical do português, sobretudo no que tange à nomeação de elementos pertencentes à fauna, flora e os topônimos.

Verificou-se também que o reconhecimento e divulgação da heterogeneidade linguística do Português Brasileiro é matéria de diversos estudos sobre o português falado no Brasil. Entretanto, a consulta aos dicionários revelou que os trabalhos lexicográficos de viés tradicional no Brasil, apesar das inúmeras tentativas de registrar a língua, pouco têm caminhado no sentido de privilegiar a variação linguística, apresentando ainda limitações. Nesse sentido, é de suma importância o desenvolvimento de trabalhos que permitam que unidades lexicais não lematizadas da língua sejam, em algum grau, salvaguardadas da ação do tempo e possam contribuir para a construção do “magno edifício”, a que se refere Piel (1991), isto é, para a composição histórica dos grandes dicionários de língua em que os diferentes falares nacionais possam se evidenciar.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula/** [elaboração Egon Rangel]. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

AULETE, C. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BORBA, F. S. (org.). **Dicionário Unesp do português contemporâneo.** Curitiba: Piá, 2011.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionários.** Londrina: Editora da UEL, 2001.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

DIÉGUES Jr., M. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

ISQUERDO, A.; COSTA, D. **Designações para “pernilongo” nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico e semântico-lexical**. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/travessias/LINGUAGEM/DESIGNA%C3%87%C3%95ES%20PARA%20PERNILONGO.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

MACHADO FILHO, A. V. L. Um ponto de intersecção para a dialetologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB, **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 41, p. 49-70, 2010.

MATTOS E SILVA, R. V. Uma compreensão do português brasileiro: velhos problemas repensados. In: CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A.; MATOS E SILVA, R. V. (Orgs). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo da Bahia, 2006.

____. Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s), **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Vol. 3, p. 39-53, 2008.
MELO, G. C. de. **A língua do Brasil – 4ª ed.** Melhorada e aumentada. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

PAIM, M. M. T. A presença do projeto ALiB nos estudos sobre a língua portuguesa. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (Orgs.). **Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2012.

PIEL, J. M. Origens e estruturação histórica do léxico português. In: CASTRO, I. [et al]. **Curso de história da língua portuguesa: leituras complementares**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991[1976]. p. 233-242.

RAZKY, A.; SANCHES, R. D. Variação do item lexical “prostituta” no projeto atlas linguístico do Amapá. **Linguagem**, São Carlos, v. 23, 2015.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1969.